



Biblioteca Pública de

Braga

# TRIBUNA Livre

24  
JUNHO  
1961

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR—TELEF. 62113 - A M A R E S

## Um tirano que é preciso banir

Nos últimos cinquenta anos, a técnica fecundada pelo sempre insatisfeito agulhão do progresso, pôs à disposição da humanidade uma encantadora realidade de bem estar e de comodidade.

O nível cultural aumentou enormemente, e com essa ascensão de conhecimentos, o lhoraram a saúde pública, o poder económico e o sentido da personalidade do homem.

O próprio mundo ficou reduzido a uma expressão geográfica bem simples, desde que a rádio dilata o pensamento à nunca outrora sonhada velocidade de centenas de quilómetros por segundo. Lisboa está, desse modo, a ínfimas fracções de segundo de Tóquio ou de Nova York.

As rádios-comunicações entre esses dois pontos do globo necessitam de menos tempo do que o que exige a voz humana para atravessar qualquer estreita rua das nossas cidades ou aldeias.

E juntando a esta maravilha das audácias e os portentos das máquinas e dos motores do nosso século, poderia supor-se que a humanidade tinha encontrado, enfim, o caminho da felicidade na abundância, na paz e no sossego!

Mas aqui surge precisamente a triste ironia do destino a complicar um problema que parecia simples. Na verdade, se por um lado podemos agora usufruir mais conforto e alargar o âmbito das nossas sensações, estará para sempre perdida a ilídica ventura dos dias silenciosos de outrora em que qualquer simples mortal

podia dormir a sono solto, não só no campo, mas até em pleno centro das mais populosas cidades?

Hoje tudo mudou. O ruído, esse monstruoso e insaciável tirano, instalou-se em toda a parte; no campo, na aldeia, na estrada, na rua, na cidade, na casa e, até por fim, na praia, no combóio e no automóvel!

Teríamos perdido para sempre aqueles ditosos tempos em que podíamos comungar até ao sono com a alma das coisas, sentindo os eflúvios da calmante felicidade que se apoderava do nosso corpo e da nossa alma em presença de qualquer motivo de beleza.

Continua na 5.ª página

## CASAMENTO

Um dos mais ferozes leões da Modelar consorciou-se no dia 10 do corrente com a regente escolar D. Alexandrina Ferreira.

Trata-se do sr. João Janela conhecido desportista em futebol e que actualmente faz parte do quadro dos funcionários da Câmara Municipal de Falmalhão.

O acto religioso consumou-se no templo Beneditino desta freguesia. O almoço foi servido pela pensão Continental Machado em Caldelas após o qual foi servido um vinho de honra no palacete onde fixou residência nesta freguesia e está a passar a lua de mel. Aos noivos desejamos as maiores venturas e que o amor que os ligou se conserve imbolto até ao final da sua missão na terra.

## O Pároco de Caniçada

### FALECEU!

Domingo 18, 2 horas da tarde! O Sol com seus raios escaldantes aglomera o povo nos lugares mais frescos do povoado, e enquanto se conversa sobre assuntos diversos, ouvem-se ao longe as músicas melodiosas dos passarinhos nesta tarde Veronil de Junho.

No sino da velha igreja, nove badaladas cadenciadas se ouviram que quebraram a monotonia daquela tarde quente e serena; mudando depois o seu ritmo, o mesmo sino dobra a finados, levando assim ao conhecimento de todos, a certeza d'um lamentável facto.

Um nuvem negra pairou nos corações de todos os Caniçadenses, a freguesia vestiu-se de luto; naquela Residência Paroquial, naquela linda casa, junto à Igreja Mãe, há alguém que dorme, o sono eterno do esquecimento! E esse alguém, era algo de valor para nós!!! Sim, o Sr. Padre Augusto Lima, que durante trinta anos nos guiou na caminho espiritual, representava tudo para o povo de Caniçada.

Foram trinta anos de convívio constante, que nos fiz criar-lhe um amor mútuo e sincero, não podíamos pois ficar indiferentes, a este golpe que lamentamos e todos sentimos, como Pároco, podemos considerá-lo um modelo invulgar, que bom seria se todos o imitassem!

Nestes trinta anos, Caniçada gosou de uma Orientação

Sacerdotal completa e perfeita, incansável e diligente, que mesmo nestes últimos dias da enfermidade que o levou, êle, que só com reforçado auxílio conseguia subir os três degraus que o conduziam ao

Continua na 4.ª página

## OS MUNICÍPIOS na Metrópole e no Ultramar

HAVERÁ coisa de um ano, pretendemos lançar uma campanha neste mesmo lugar, sobre o sério problema dos nossos municípios, através de alguns editoriais que, desde logo, obtiveram larga repercussão, por esse País fora. Não faltaram aplausos entusiásticos, de todo o lado: das câmaras, da Imprensa da província, de comissões políticas, até de muitos estudiosos. Ainda não deixámos de pensar que estávamos prestando um serviço ao País, e ao próprio Governo, chamando a atenção para o problema municipal e para a crise da vida local — que importa encarar com a seriedade devida, com decisão firme e eficiente.

Quando, há dias, o titular da pasta do Interior se referiu, em discurso público, à necessidade de valorizar as Câmaras Municipais, sentimos que algo o identificava com a nossa voz e com a doutrina, tantas vezes defendida, neste mesmo lugar. Disse o Dr. Santos Júnior: «Verdadeiros baluartes de um são e compreensivo nacionalismo, autênticos representantes das res-

peitáveis e legítimas prerrogativas do povo, na medida em que valorizarmos e defendermos as Câmaras Municipais — estamos a consolidar a mais forte armadura da vida nacional».

O Ministro do Ultramar acaba de decretar, por seu turno, novo surto no desenvolvimento das instituições municipais ultramarinas, em diploma anunciado há dias. Quando em Março passado, proferiu notável conferência na cidade do Porto, já então, o Prof. Adriano Moreira havia afirmado: «Convictamente institucionalistas como somos, temos de reforçar a nossa lógica e eficiente entre a vizinhança das regedorias e a estrutura político-administrativa». E acrescentava: «Este re- vigoramento das estruturas político-administrativas está ligado à necessidade e oportunidade de dar novo impulso ao espírito municipalista, que foi nosso vigoroso amparo em tantas épocas difíceis da História. Porque não conheço melhor forma de demonstrar o apego à terra, onde se está

Continua na 5.ª página

## ESTÁ A COMETER-SE UM CRIME!...

Este artigo tem tanto de apelo como de crítica e de re- criminação; mas estas, não podiam escusar-se, sem trair a análise objectiva e incontroversa dos factos, pelo que, aos que se sintam atingidos, peço desde já paciência.

Não podemos para evitar isso deixar de pôr à consideração dos nossos caros leitores o crime que se está a cometer, no que se refere à nossa Misericórdia.

A gravidade do momento que passa convida-nos a uma reflexão mais pura e mais despreendida dos problemas que como este se baseiam no bem do próximo e sobretudo daquele próximo, mais pobre, mais infeliz.

Se pensarmos em Angola, no que lá se passa e no que lá se sofre, veremos o nosso problema assistencial mais à luz da caridade cristã e humana, do que a luz da política sempre cega e sem coração.

Nenhum povo se pode dizer civilizado, sem ter resolvido o seu problema assistencial, e nós lamentavelmente têmo-lo no pior estado possível.

Entendo pois que, por várias razões, é neste momento oportuno o apêlo e as considerações que quero fazer e para as quais peço a vossa atenção.

Estão a sair para fora do Concelho pagos pela nossa Câmara a hospitais, anualmente, cerca de 150.000\$00, importância que se deve aproximar no corrente ano dos 200.000\$00.

Estão a deixar de receber-se do Estado pelo Ministério

da Assistência cerca de 100.000\$00 anuais, que é quanto recebem os concelhos vizinhos:

Estamos a deixar de fazer cortejos de oferendas que podemos seguramente calcular numa receita média anual de 50.000\$00.

Poderia receber-se muito brevemente um rendimento de 50.000\$00 anuais do legado da Senhora D.ª Filomena, se de acordo com as negociações encetadas com os usufrutuários a Câmara passasse o legado para a Misericórdia.

Continua na 4.ª página

## Electrificação do Concelho

Na passada segunda-feira entre a nossa Câmara e uma firma do Porto foi assinado o contrato para a electrificação de Lago e parte poente do Concelho, obra do valor de 280 contos.

Ainda há dias acabou a electrificação de Barreiros, Castro, lugar Novo, reforço de Carrazedo e já vai seguir-se a electrificação desta empreitada.

Entretanto e por administração directa a Câmara vai reforçar a linha de Rendufe e alargar a existente na Ponte do Porto, Caldelas, Caires e Prozelo.

Acaba também de ser concedida a comparticipação para a electrificação de S. Vicente do Bico.

# TRIBUNA AGRÍCOLA

## MOSCA DA AZEITONA Lavradores sem Propriedade

O problema da mosca da azeitona é o que se pode chamar um problema estomológico clássico. Plínio já a ele se referia e Napoleão viu-se na necessidade de o considerar, decretando a colheita precoce da azeitona como meio de obstar aos prejuízos causados pelo parasita.

Tal processo, de índole negativa, foi até o limiar do século XX a única solução preconizada que assentava numa base lógica. A futura experiência viria no entanto a demonstrar que não correspondia às exigências da olivicultura. Era necessário qualquer acção mais activa que permitisse a defesa da azeitona em moldes de consentir que se atingisse um grau de maturação adiantado, sem o que a perda de azeite seria imensa.

Coube ao agrónomo italiano De Cillis a glória de iniciar um período, que alguns denominaram de áureo, durante o qual entomólogos, agricultores e até meros curiosos se interessaram pelo problema do combate ao *Dacus*. É por momentos houve a impressão de que a hora do sucesso havia soado. Infelizmente, tal não aconteceu.

De Cillis, baseado em observações minuciosas dos hábitos do parasita, deu estrutura a um método de luta que consistia no uso de uma mistura de mosto de uvas concentrado e de insecticida estomacal, a qual era aspergida sobre as oliveiras, um certo número de vezes, durante o período de ataque.

Os primeiros resultados revelaram-se brilhantes para os padrões de então. O entusiasmo foi grande, mas a breve trecho se verificava que o método, além de dispendioso, era aleatório.

O Prof. Berlese, decano dos entomologistas, apetrechado com os dados que o trabalho de De Cillis lhe proporcionava, e com a sua enorme experiência nos domínios da entomologia agrária, tomou sobre si a tarefa de modificar o método tornando-o mais barato e de o experimentar mais detidamente.

Os resultados obtidos não foram sempre positivos. Levaram, apesar disso, o povo de S. Vincenzo — Toscana — a erigir-lhe um monumento que se mantém a atestar o apreço e o reconhecimento duma comunidade agrícola ao homem que tanto pugnou pela salvaguarda do seu principal interesse: a olivicultura.

Até há poucos anos, o método de Berlese foi empregado nas mais variadas regiões, umas vezes com êxito outras deixando a desejar. Foi, não obstante, considerado, em certa altura, solução viável para o problema e isso levou as autorida-

des gregas a decretarem obrigatório o seu emprego. Os insucessos registados e o reconhecimento de que a sua acção não era segura fizeram perder as esperanças e a pouco e pouco começou a cair em desuso e foi quase abandonado, depois de ter ocupado durante meio século a actividade de centenas de práticos e investigadores e dado origem a febril actividade.

E até à descoberta da acção dos insecticidas fosforados sobre os ovos e as larvas do *Dacus*, feita em 1949 pelo Dr. G. Martelli, nenhum dos muitos outros processos ensaiados logrou ser considerado como possível solução prática do problema.

Os primeiros resultados de Martelli a breve trecho foram considerados como uma nova linha de trabalho até então não antevista. Enquanto que anteriormente o método usado era preventivo, vislumbrou-se agora a possibilidade de combater o parasita mesmo depois de estar já instalado nos frutos, o que vinha facilitar os tratamentos e tornar mais seguros os resultados.

Os primeiros resultados obtidos levantaram novamente os ânimos e a F.A.O., promovendo em Florença, em Março de 1953, uma conferência em que participaram os países interessados, soube actuar no momento adequado tornando possível um notável incremento do trabalho experimental e promovendo um largo intercâmbio entre investigadores devotados ao problema do *Dacus oleae*.

Portugal, representado nessa conferência, intensificou os trabalhos que vinham sendo empreendidos na Estação Agronómica Nacional e cujos resultados permitem, de um lado, o conhecimento da importância da praga nas diversas zonas olivícolas portuguesas, e de outro o da acção dos produtos susceptíveis de emprego eficiente e económico.

\* \* \*

Tem a mosca da azeitona acentuado relevo económico no quadro da olivicultura nacional, diverso de região para região e de ano para ano.

O factos de os olivais do nosso país se encontrarem dispersos por áreas em que as condições ecológicas são muito diversas é responsável pela diversidade de comportamentos do parasita, complicada ainda pelas variações climáticas verificadas de ano para ano, pelo tipo de granjeio seguido e pela grande promiscuidade de variedades de oliveira.

Em relação aos prejuízos causados pela mosca, o País pode ser considerado dividido em três zonas diferenciadas: a

zona de ataques intensos, a de transição e de ataques fracos.

A zona de infestação intensa abrange, grosso modo, a área olivícola litoral desde o concelho de Oliveira do Bairro até Tavira. Esta faixa é de largura diversa, tanto mais larga quanto menos obstáculos se antepõem à influência marítima.

A zona de transição abrange as restantes áreas olivícolas continentais, exceptuadas as da Beira Alta e Trás-os-Montes, onde os ataques não têm importância prática.

São variados os factores responsáveis pelas diferenças indicadas. Entre eles avultam os factores ecológicos, temperatura e humidade, e os devidos à natureza do solo — edáficos — tendo também influência a variedade.

As preferências do alado consistem em humidade atmosférica elevada e temperaturas moderadas. Estas condições fazem-se igualmente sentir na vida da oliveira, pois proporcionam um normal desenvolvimento dos frutos, os quais atigem cedo a fase susceptível à postura, pelo que a percentagem de posturas viáveis é muito elevada.

Regiões com tais condições têm Outonos prolongados e Invernos amenos, e daí resulta uma grande viabilidade das pupas hibernantes, dando origem a uma eclosão muito considerável de moscas na Primavera seguinte.

Inversamente, nas zonas de ataques fracos os Invernos são rigorosos, o que origina a supressão total dos alados e a morte de elevadíssima percentagem de pupas. Nestas regiões a Primavera tarda e é de curta duração, o que condiciona um atraso na vegetação da oliveira, que só de fins de Agosto em diante apresenta frutos susceptíveis. O Verão muito quente e a extrema secura do ar actuam por sua vez desfavoravelmente sobre os alados até, em casos extremos, sobre as próprias larvas já instaladas nos frutos. Nestas zonas vive a oliveira mas não prospera a praga.

A zona de transição, por ser muito extensa, abrange tipos de ambiente um tanto diversos. Por isso, é nela que reside a principal dificuldade na previsão das infestações, em geral pouco importantes, mas que são, por vezes, muito de considerar.

\* \* \*

A defesa da azeitona para azeite — de que apenas nos ocupamos neste momento — é hoje encarada quase exclusivamente com recurso aos insecticidas curativos de tipo subsistémico e como tal capa-

### Colectivização forçada levou à crise na Alimentação

Os dirigentes da Zona de Ocupação Soviética da Alemanha proclamaram há um ano com grande alarido que se realizara a colectivização integral da agricultura. De facto, não há desde então na Zona Soviética lavradores livres. O Partido Socialista Unido cujo carácter e objectivos não se devem confundir com os de outros países socialistas, procedera a uma apropriação completa, constituindo tres tipos de colchoses segundo o molde soviético.

No Tipo I e no Tipo II o lavrador fica com 0,5 ha de solo arável e todo o gado em regime individual. Os dois tipos distinguem-se pela circunstância de no Tipo I toda a área arável que exceda 0,5 hectares está sob a alçada da cooperativa, enquanto no Tipo II as pastagens e os bosques também são incluídos no regime cooperativista. O Tipo III representa a colchosa integral. Estas chamadas Cooperativas de Produção Agrícola da Zona Soviética da Alemanha — contam-se ao todo 19.354 — deviam garantir à população produtos alimentares numa quantidade nunca antes conhecida. Passados mais de doze meses, chegou agora a hora de analisar as promessas dos funcionários do partido.

A situação da agricultura na Zona de Ocupação So-

zes de penetrar na polpa dos frutos.

O primeiro produto ensaiado como curativo foi o Paration. A ele se seguiram numerosos os ensaios de outros insecticidas fosforados, em busca de um produto que apresentasse simultaneamente maior eficiência para o *Dacus oleae* e menor inconveniente do ponto de vista de resíduos tóxicos no azeite.

Entre alguns dos fosforados experimentados podemos citar, além do Paration, o Metil Paration, Diazinon, o Rogor, o Dipterex, o Phosphamidon, o Phosdrin, etc.. Os resultados obtidos até agora permitem indicar como susceptíveis de emprego prático, desde já, o Rogor e o Diazinon e, em certa medida, o Dipterex. Estes três produtos foram objecto de estudo aturado e hoje os conhecimentos adquiridos a seu respeito conduzem a uma ideia muito objectiva do seu comportamento, não só em relação à sua eficiência contra a mosca, mas ainda a respeito dos resíduos deixados no azeite.

viética da Alemanha piorou de dia para dia desde que se iniciou a formação de colchoses. A realidade nua e crua veio desmentir todos os vaticínios optimistas. Leite, manteiga, queijo, frutas, legumes, toucinho, carne de qualidade superior e peixe continuam a escassear na Zona Soviética da Alemanha e isto 16 anos depois de terminada a Segunda Guerra Mundial. Desde há semanas racionou-se de novo a venda da manteiga no sector soviético de Berlim. Fazem parte do panorama da cidade as filas de donas de casa diante das lojas; apareceram de novo as «Listas de Clientes», semelhantes às que se utilizavam durante a guerra.

Basta lançar um olhar nas colchoses constituídas para verificar a inconsistência da afirmação da «superioridade do sistema de produção socialista», entendendo-se o termo «socialista» no sentido com que o empregou a propaganda na Zona Soviética da Alemanha. Continuam a predominar na Zona Soviética as seguintes dificuldades: falta de mão-de-obra, sobretudo devido à fuga constante de operários e agricultores; falta de máquinas agrícolas; falta de sementes, forragens e adubos. Acrescem ainda a indiferença e a resignação da população rural que, perdendo o amor ao trabalho, tão característico da população rural. Adoptou-se nos campos o princípio de dia de oito horas. Onde antigamente a propriedade herdada de geração para geração incitava ao trabalho mais intenso, o regime imposto levou à desmoralização. As direcções das cooperativas, instituídas segundo critérios políticos do partido, são a fonte de preocupações constantes. Por outro lado uma burocracia excessiva, que passou a regular a compra de todo e qualquer instrumento agrícola origina perdas de tempo incalculáveis.

E o que faz o Partido Comunista para alterar esta situação? Manda os seus propagandistas e agitadores às aldeias e realiza «Festas» e «Manifestações» para «novos impulsos» aos lavradores. Apesar de toda essa propaganda, os 650.000 lavradores expropriados atravessam uma crise tristeza profunda para a população nas cidades da Zona Soviética da Alemanha a vida tornou-se ainda mais difícil.

# TRIBUNA do CONCELHO

## Reunião Camarária

Deliberações da Câmara Municipal

Correspondência

Ofícios

doentes e informando que para as outras despesas não existe ainda qualquer tabela, pelo que a Misericórdia deverá elaborar a sua e submetê-la a despacho de aprovação.

Do Hospital de São Marcos, Braga, remetendo a factura da importância de 13.889\$90, respeitante ao internamento e tratamento de doentes pobres no mês de Março findo.

Da Professora da Escola Masculina de Rendufe, informando que lhe foram entregues as 4 carteiras escolares que tinha solicitado a esta Câmara.

Da Direcção de Urbanização do Distrito de Braga, enviando um auto n.º 2 referente à obra «conservação corrente de vias municipais».

Do Subdelegado de Saúde de Amares, pedindo o fornecimento de impressos. Foi deferido pelo Senhor Presidente da Câmara.

Do Cantoneiro Municipal, Manuel Leite Martins Brandão, informando que se torna necessário três camionetas de saibro para a estrada que vai de Amares à Ponte do Porto. Foi autorizado pelo Senhor Presidente.

Ilem, idem, informando que se torna necessário três metros de brita para a estrada municipal que vai da freguesia de Carrazedo ao lugar do Pilar. Foi autorizado pelo Senhor Presidente da Câmara.

Do Cantoneiro Municipal, Augusto Fernandes Soares, informando que se torna necessário a aquisição de uma enxada.

Do Jardineiro Municipal, informando que para a reparação e embelezamento dos jardins Municipais se torna necessário o auxílio de um jardineiro durante duas semanas. Foi autorizado pelo Senhor Presidente da Câmara.

Da Junta de Freguesia de Amares, pedindo o auxílio desta Câmara na construção do ramal eléctrico para a Capela de Nossa Senhora da Paz.

Do Governo Civil do Distrito de Braga, remetendo uma cópia do parecer da 2.ª Repartição da Direcção Geral da Administração Política e Civil acerca do procedimento desta Câmara relativamente à adjudicação da empreitada de construção do caminho municipal entre a E.N. n.º 205 e o Rio Homem informando o seguinte:

1.º — Que foi nitidamente ilegal o procedimento desta Câmara ao contratar a empreitada a que se refere a consulta sem procedência de concurso público.

2.º — Que tendo sido adoptado o ajuste particular na formação de mútuo consenso necessário à celebração do aludido contrato, não se verificaram as irregularidades apontadas pelo reclamante, visto que, neste regime a escolha do contraente particular é objecto de um poder discricionário, limitado apenas pelo interesse público.

3.º — Que embora sem relevância para a questão apreciada, verifica-se que a) que considerando-se as explicações dadas pela Câmara, compreende-se que o reclamante tenha sido consultado, dado que só posteriormente houve informações que lhe imputavam insuficiente idoneidade técnica.

b) — Que esta Câmara se mostra convencida de que houve, efectivamente, desinteresse do dito reclamante.

c) — Que qualquer das circunstâncias referidas legitimaria a atitude da Câmara, considerando o que consta do número 2.º que antecede.

Do Chefe da Secretaria desta Câmara, propondo a seguinte classificação orçamental para a receita proveniente de donativos particulares para electrificação de zonas rurais: Capítulo Receita Extraordinária. Artigo: Legados, donativos e subsídios eventuais; Alínea: Subsídios de particulares para electrificação de zonas rurais.

Do Comandante do Posto da Guarda Nacional Republicana de Amares, pedindo para que sejam efectuadas as seguintes reparações naquele posto: caiação, pintura e outros arranjos.

Da Junta de Freguesia de Caldelas, pedindo um subsídio de 1.000\$00 para calcetamento de um troço de um caminho.

Do Secretário Geral da Sociedade de Geografia de Lisboa, pedindo a colaboração desta Câmara na realização da Semana do Ultramar realizando neste concelho palestras, conferências e outros actos conducentes a rebustecer a consciência pública cujo tema escolhido para o ano foi «O Além Mar Português na Estrutura da Nação».

Da Direcção Geral dos Serviços Eléctricos, Lisboa, informando que foi concedida a esta Câmara licença para ampliação da rede de distribuição de energia eléctrica em BT,

(Continua no próximo número)

## Cumprimentos de Assinantes

Pela nossa redacção passaram a apresentar cumprimentos o nosso prezado assinante Senhor José Maria Lopes e sua Ex.ma Esposa S.ra D. Maria Amélia Soares Cruz Lopes, naturais de Terras de Bouro e residentes em Lisboa, que tiveram a gentileza de deixar a importância de 40\$00 para os nossos pobres.

Tribuna Livre, agradece o subsídio retribui os cumprimentos e faz votos de muito boa viagem.

## CARTA DE LAGO

\*\*\*\*\* Meus caros amigos ausentes \*\*\*\*\*

Com os melhores votos de saúde e prosperidades vou dar-nos mais algumas notícias.

### Falecimento

Pelas 5,30 horas do dia 16 de Junho faleceu Manuel Soares Leite.

Era viuvo, tinha 77 anos e vivia no lugar da Veiga. Andava de saúde normal e pelas 4,30 horas sobreveio-lhe uma indisposição estomacal seguida de colapso cardíaco. A batalha entre a morte e a

vida findou-se com a vitória da primeira em menos de 1 hora. Representou uma das maiores casas da freguesia. Deixou oito filhos vivos e descendentes de mais dois, já falecidos. Era tio de alguns sacerdotes entre os quais salientarei os Párcos da Sé, Maximinos e Sequeira, do arceprelado de Braga. Entre os muitos netos convem salientar o aluno de teologia do Seminário de Braga, Manuel de Jesus Soares. Era um homem naturalmente bom, incapaz de fazer mal aos próprios inimigos.

### Baptizados

Em 11 de Junho baptizaram-se Albino Ribeiro Pinheiro, filho de Albino Pinheiro e Maria Alice Ribeiro. Foram padrinhos José Ribeiro Pinheiro António de Jesus Soares; e António Soares de Carvalho filho de António Gomes de Carvalho e de Rosa Gomes Soares. Foram padrinhos António Veloso e Teresa Gomes Soares.

### Anjo da Guarda

De entre vós subscreviram-se os senhores Camilo Pereira com 50\$00, António Carvalheira com 25\$00 e Antónia Alves com 10\$00. O primeiro vive em Braga e outros vivem no Porto. Até agora receberam-se 1090\$00. Para 6.000\$00... E não vos falei ainda nos altares para colocar as imagens da Serra do Sameiro e do Anjo da

(Continua na 5.ª página)

## BESTEIROS

### Falecimento

No passado Domingo — dia 18 de Junho — faleceu Santamente no Senhor na sua casa e propriedade da Seara, o Senhor João Manuel da Silva — de 80 anos de idade. Era casado com a Senhora D. Maria Rosa de Almeida — e deixa numerosos filhos entre os quais destacamos o da Casa Hilário, António João, do lugar do Carvalho, Manuel, da freguesia da Torre, e José, distinto funcionário dos C.T.T. da cidade de Lisboa — bem como numerosos netos e afilhados dos quais destacamos o brioso estudante do Seminário Carmelita, da Falperra. O seu funeral na passada 3.ª feira — foi muito concorrido por muitas pessoas de todas as camadas sociais, bastantes Irmandades, S. Pedro de Rates, SS.mo, Sagrado Coração de Jesus, Santa Infância e Santa Filomena, e de muitos fieis, que; atraz da Urna rica, rezavam e choravam a perda deste homem, que no seu tempo, praticou o bem. Na Igreja paroquial foi celebrado um solene ofício assistido por vários sacerdotes do Concelho. A chave do caixão foi confiada e levada pelo Senhor António de Sousa — de Rendufe. Vimos muitos fieis das freguesias circunvizinhas. As missas do 7.º dia, constituíram também uma grande manifestação de pesar, sendo bastantes os responsos e socorridos alguns pobres em sufrágio da sua bela alma. Que descanse em paz. A toda a família dorida, enviamos as nossas bem sentidas condolências.

### S. Luiz

A Senhora D. Rosa Maria Veloso Ribeiro, ofereceu a esta nossa Igreja Matriz, uma linda imagem de S. Luiz Gonzaga, padroeiro da juventude, dos estudantes, e das nossas crianças; foi benzida solene-

mente no dia próprio — (dia 21 de Junho) e festejado o melhor possível.

### Lausperene

Nos dias 25 e 26, realiza-se, com a máxima solenidade possível, a festa do Sagrada Lausperene — SS.mo Sacramento e S. Paio — padroeiro da freguesia. Há confesso, missas rezadas e cantadas, sermão e Procissão Eucarística. Todos os lugares e todos os fieis, devem tomar parte activa nestas piedosas comemorações, marcar a sua presença, e oferecer donativos, cera, e flores, e os seus Sacrifícios pela Paz em Portugal.

### Noiva

Encontra-se noiva, a gentil menina Maria da Costa Ferreira, bondosa filha do Senhor Domingos Vilar. Que seja feliz.

## Carrazedo

\*\*\*\*\*

### Água á vista

Está a percorrer as freguesias do concelho um Engenheiro encarregado pelo Governo de proceder a estudo das possibilidades para abastecer com água potável em fontenários as freguesias visitadas. Nesta freguesia o presidente da Junta foi solicitado para informações dos caudais com essas possibilidades.

### Entrevistas

A forma mais acessível de conhecer as pessoas e as suas ideias, ás vezes de grande alcance, são as entrevistas. Desta vez coube um encontro prepositado com o sr. Adão Arantes Russell já restabelecido da sua enfermidade, mas com reservas? Digo com re-

servas por que o médico proibiu-me as emoções! Mas que qualidade de emoções?

Todas as que me possam acelerar o movimento do órgão doente, o coração, respondeu o homem que sempre serviu os amigos e o Concelho.

Esta entrevista é dirigida aos amigos para saberem que o entrevistado não deve ser procurado para coisas emocionais e a sua vida doméstica é a única prenda que sua esposa mais aprecia. Creio que chega para a porta estar aberta mas... em emoções ponto final.

Assim o Sol da felicidade continuará, até ordens supremas, naquela mansão residencial de tão nobres tradições, aonde os amigos se sentem á vontade, pelo menos enquan-

(Continua na 5.ª página)

# ESTÁ A COMETER-SE UM CRIME!...

Continuação da 1.ª página

Está além disso prometida pelo Ministério da Assistência uma aparelhagem completa de cirurgia no valor aproximado de 350.000\$00, logo que tenhamos internamentos e instalações para a sua instalação. Tudo isto se perde presentemente criminosamente, e que, junto aos milhares de consultas e tratamentos que, anualmente, ali estão a ser prestados pelos médicos e enfermeira em serviço, aqueles gratuita e abnegadamente, seria já um grande passo para a resolução definitiva do nosso problema hospitalar.

Com estas receitas que inumerarei, que poderemos considerar quase certas, e os serviços que já se prestam como acabo de referir, poderíamos ter um hospital à altura das nossas necessidades e dos nossos recursos, poderíamos ter junto de nós os nossos doentes e a assistência seria aqui muito mais útil, mais vasta e muito mais eficaz.

São às dezenas os doentes que diariamente vamos encontrar nos leitos do hospital de Braga, e são muitas dezenas mais aqueles que necessitariam de ser hospitalizados e assistidos, para evitar maiores males e maiores doenças. Vão além disso para o hospital de Braga os agradecimentos dos nossos doentes ficando para nós as recriminações.

Somos quase o único concelho do Distrito, se não o único, nesta crucial situação e com recursos próprios. Se bem das privações, falta de conforto familiar, falta de assistência e de carinhos, de que são vítimas os nossos doentes pobres, fruto da distância a que se encontram das famílias, dos seus médicos e ainda pela incuria e negligência ali verificadas dado o aglomerado de doentes a atender.

Acresce ainda que estariam em serviço no nosso hospital muitas pessoas, enriquecendo a economia da nossa terra. Seriamos mais ricos e considerados.

Teríamos também, todos os responsáveis, a satisfação do dever cumprido para com o próximo que sofre.

E porque não temos já tudo isso?

Porque alguém resolveu, por uma mera questão pessoal, e sem causa que o justificasse, pôr travão à obra enorme que vinha a realizar a Mesa. Digo enorme porque o que custa é tirar do nada uma Instituição que precisava de duas centenas de contos para dar os primeiros passos e não os tinha e que se arranjaram, o difícil era tirá-la do zero em que eles a encorralaram durante cerca de 10 anos e fazer dela pelo menos um posto de socorros onde existisse o mais indispensável para os primeiros socorros. E arranjou-se nova e airosa casa.

O difícil era conseguir terreno para a sua sede e futuro hospital, e arranjou-se.

O difícil era conseguir subsídios para construir o edifício para a sede administrativa e posto de primeiros socorros e conseguiram-se.

O difícil foi que a mesa aliada à Câmara conseguisse em Lisboa desfazer a barreira que ali maldosamente, mentirosa e intencionalmente, tinha sido levantada contra o programa de acção de Mesa. Mas desfez-se.

Difícil foi conseguir o subsídio de 60 contos para concretização da 1.ª parte do plano e conseguiu-se, conjuntamente com a aprovação superior do imenso plano.

Esta era a fase do resgate, aquela que era mais penosa, mais árdua e que para cúmulo nos foi sempre dificultada.

Ia a Mesa entrar na fase decisiva que era a construção de uma enfermaria, que uma Comissão se proponha levar a cabo com donativos que iria adquirir em subscrição, para tal fim, o que nos proporcionaria os primeiros internamentos, a cirurgia, que por sua vez faria carrilhar para ali essas enormes receitas que inumeramos e com elas o seu engrandecimento, e o amor da nossa gente à sua Misericórdia, ao seu hospital, às suas Instituições.

Mas o diabo tece-as e a inveja matou Caim.

Algum afecto a ser senhor absoluto, num Concelho de cerca de 18.000 almas e muitas delas com cabeça para pensar, e com acrisolado amor a esta terra que lhe servia de berço, alguém a quem não agradava a condição a que foi sujeito pela última eleição, de ser um membro da mesa como qualquer outro, resolveu atacar, faltando a compromissos assumidos, neste e noutros casos, não obstante o programa delineado e a obra já feita, que necessitava de urgente continuidade. E o ataque foi brutal e despótico, como já o tinha sido anteriormente, noutra obra também na terra que lhe dá abrigo. Primeiro num insolente discurso político, em que indirecta mas nitidamente atacou autoridades e pessoas, todas elas membros da mesa da Misericórdia de que fazia parte; depois pelo assalto inesperado e no último momento para terem direito a voto, irmãos que tanto deram que falar.

A premeditação destes actos, e dos que se seguiram posteriormente, sudário de misérias concretizadas por actos em que os interesses da Misericórdia dos pobres, dos doentes, dos infelizes e do concelho foram sempre postergados.

Nunca se procurou saber, e nisso têm graves responsabilidades autoridades superiores, o que poderia ser melhor e mais aconselhável para a Misericórdia, o que mais interessava ao Concelho, aos pobres, aos doentes e aos infelizes.

Não, nunca se procurou saber-se perante essa obra tão necessária como urgente, tão nobre como bela, em benefício

dos que sofrem, havia lugar para maqueavelismos políticos, de despeitados sem obras a apoiá-los, de caciquismos já fora de uso, e de absolutismos que o século XX não tolera.

Nós que precisávamos de avançar 20 anos para retomar a marcha de progresso dos outros concelhos, tanto na Misericórdia como na Administração concelha, estamos a marcar passo novamente (embora seja por pouco tempo, pois tenho fé de que prevalecerá o bom senso) vítimas de se uniram para cúmulo a tudo quanto era comunista, oposicionista e subversivo (ou então tudo isso contrário ao regime não existe no nosso Concelho) para nos estorvar a acção.

Sabem os responsáveis por este crime, que na Misericórdia e sua clínica e na Câmara, se encontra gente que está a levantar, mercê do seu dinamismo, do seu amor às coisas da terra e do concelho (tantas vezes demonstrado) uma obra muito grande e tal como o concelho nunca viu, em toda a sua vida, não obstante ainda não serem decorridos dois anos.

Sabem também eles que o seu passado de tantos anos na Misericórdia e na Câmara e noutras instituições que para o caso não interessa sitar, foi um descalabro, em que a inércia a negligência e o desprezo pelos interesses mais elementares dum povo foram levados ao mais alto grau.

Só agora, é que, por virtude dos constantes contactos com os poderes centrais, pelas facilidades concedidas em todos os sectores, eu posso avaliar a que ponto e a que elevado e criminoso grau foi levada essa inércia, essa negligência e esse desprezo, muito mais agravados se levamos em conta que o período actual é muito pior para fazer uma obra do que foi o do seu tempo.

Sabem também que, de acordo com o que venho afirmando, só com o patrocínio e a colaboração da nossa Câmara é possível completar a obra com a urgência de que carece, porque além do mais é dali que pode porvir as suas maiores receitas e é da Câmara que a Misericórdia ha-de receber o legado da benemérita D.ª Filomena, que vale cerca de 2.000 contos.

Não há dúvida que eles sabem tudo isto, que de resto, quem se tiver debruçado com atenção sobre o problema também sabe, por que são factos incontestáveis e por demais conhecidos de todos os Amarenses. Sabem mas não querem que se saiba.

Não obstante, tudo procuram fazer, para obstruir o caminho inicialmente traçado, que não pode, nem deve, sofrer desvios ou cortes.

Para que se anda a enganar e não se diz logo a ver-

dade?

Porque se não diz logo, a Misericórdia não interessa, o que interessa é deitar abaixo as autoridades administrativas mesmo sacrificando a Misericórdia.

Eu não concebo que, sem quebra de dignidade, pessoas com estas provas dadas, tantas vezes atacadas, e que por esses mesmos erros tiveram

de abandonar as instituições imponham agora, teimosamente, a sua presença nesta Instituição.

Deixem trabalhar. Deixem concretizar uma obra que não parou um momento antes de lhe interpirem a sua nefasta presença.

Deixem prestar provas estes, já que vocês nada fizeram em 8 anos.

## Consumação do crime

Fala-se que vai tomar posse a Comissão Administrativa. É a consumação do grande crime!

Sei que foi a própria Mesa, cheia de suportar chantagens que pediu que aquela fosse empossada.

Se a Comissão Administrativa é precisa para evitar a continuação de despachos com que, sem respeito pelos princípios morais da Instituição, pelas atribuições da Mesa, pelo disposto nos estatutos, se tentou fazer com que os acontecimentos se inclinasse para o pior lado, curvo-me perante a imputência da razão.

Mas a tristeza fica-me por saber que a Comissão só é possível porque nunca se quiz admitir uma eleição em que votassem todos os irmãos nas condições legais, sem despaços a impôr a abstenção de uns e a impôr a votação de outros. Sempre contra a autoridade, contra os nacionalistas, contra os que deram as boas provas.

Quero exarar aqui a minha opinião contra a Comissão Administrativa para amanhã, neste mesmo sítio, sem tibiezas, lembrar aos responsáveis o seu crime. É que ela, custe embora a quem quer que seja, é o penhor seguro de que o futuro da Instituição está esquecido. Até a constituição o garante.

Com um bocadinho de respeito pelas leis um dos seus elementos nem sequer poderia tomar posse,

O Dr. Arantes Rodrigues faltou o número máximo de vezes às reuniões sem a menor satisfação ou justificação.

Daí o facto de a Mesa o ter arredado das funções de provedor, por abandono. Ninguém neste País deixará de pensar que isso o torna incurso em disposições que impedem o gozo dos direitos associativos e sem eles nenhum desempenho é possível.

Os preceitos legais aplicáveis são tão claros e a falta é tão evidente que não poderão ser ladeados.

Um outro só poderá tomar posse porque a Mesa resolveu não dar curso a certas deliberações para que sobre elas se debruce quem vier a girar os destinos do martirizado organismo. E vai a Comissão Administrativa ignorar o que está escrito e documentado?

Vejam outra faceta triste da dita Comissão. só possível em abdicações menos decentes.

Um dos elementos dirigiu a Misericórdia 8 anos, mantendo-a na mais conflagrada insignificância. Entendeu-se, tendo à frente o seu defensor de agora, que era preciso afastá-lo. Porque regressa quem tão mal serviu, agora que dele menos se pode ainda esperar?

Outro dos elementos viveu sempre ausente da Instituição e seus interesses, não deu outra prova senão aparecer na agitação. Foi já suspenso dos seus direitos sociais.

O terceiro é o pai de todos os actos que tanto prejudicaram o organismo e o Concelho e que agora foi dado como tendo abandonado o lugar de Provedor. Desde a sua saída a Instituição começou a sua vida normal e tornou já deliberações do maior alcance e de muito valor para a sua expansão.

Porque se não proclama com verdade de que empossada a Comissão, ninguém mais vai interessar-se pelo futuro, que a Misericórdia não terá os milhares de remédios que lhes têm dado, que lhe fugirão os médicos que tão dedicadamente a servem, que as obras não seguirão, que a Câmara não mais perderá tempo a querer o que nem os responsáveis querem?

Só porque se se fizer uma eleição legal, com todos os irmãos a votar, não haverá sequer oposição, vencendo a gente com razão, dedicada e nacionalista?

Não calarei perante o que é a maior afronta feita à razão, à misericórdia e ao Concelho. Perante o silêncio dos culpados hoje e sempre levantarei a voz de quem não concorda com estes métodos.

Não obstante as críticas que como disse não poderiam deixar de ser feitas este é um apelo ao bom senso, e ao bairrismo dos Amarenses que querem ver o seu concelho engrandecido e os seus pobres, doentes e infelizes acarinados.

É um apelo em benefício da nossa maior casa de Assistência.

É um caso de consciência

que ponho à consideração de todos.

Por caridade, se não puder ser por outra coisa, afastem-se e deixem prosseguir. Isso só os dignificará e os levantará aos olhos de todos.

Para quê comissão administrativa se a Mesa que está é a que serve melhor pelas razões apontadas.

Continua na 5.ª página



# O Concelho de Amares Panorama Concelhio

Divagando por terras de sonho — Segrêdo para o Rio Cávado da minha saudade — Paisagens que são um privilégio de Dens — Outras notas

ILÍSIO DE VASCONCELOS

Na última crónica ficamos na vila, leitor fiel, depois da feira, numa sombra apeteçível em tarde de calmaria.

Vamos agora, percorrer ao lado do rio Cávado, em direcção à Senhora da Abadia, uma das mais pitorescas estradas do vergel minhoto.

Figueiredo, Goães, Santa Marta e Bouro, sucedem-se numa sequência de encantamento.

Em Santa Maria de Bouro ao lado do largo amplo, cercado de moradias vistosas, mostra-se imponente o antigo mosteiro, cuja visita, ficará para a ocasião. Entramos à esquerda e vamos subir até à Senhora da Abadia, um dos mais apreciáveis recantos do concelho de Amares.

Ao redor do mosteiro, em grande romaria, a 15 de Agosto, quantas vezes ali apreciamos horas de despreocupada mocidade.

Festa de arromba com três bandas de música, fogos de artifício, arroubos e quimeras para os corações dos namorados.

Estou vendo na imaginação os grupos de romeiros, tasanhando lautos farnéis em idílicos e sombreados recantos, próximo de bicas rumorejantes, junto das capelas que contituem os calvários ou do regato murmurante que passa saltitante junto do templo grandioso.

Muito tem o concelho, de Amares, para ser admirado! O Castelo do Crasto, além dos mosteiros em Bouro, Santa Marta e Abadia: a Quinta

da Tapada, Tôrre de Vasconcelos, Mosteiro de Rendufe, pontes romanas da antiga feira, monumentos paisagens de extraordinária beleza.

Que ramalhete de coisas belas engrinaldam o concelho horizontes que nos deixam suspensos de espanto perante a grandeza da criação de Deus! Que emoções e recordações proporcionam, que não podem ser descritas por palavras! Só os olhos e o coração poderão ver e entender o magnífico poder do Criador no esplendor e sortilégio com que concede privilégios.

Passa-me na mente a visão das alamedas junto ao balneário de Caldelas, os lindos panoramas do Hotel da Bela Vista, as festas animadas e atraentes em diversos, hotéis principalmente as do «Vila Deolinda», os passeios pelos arredores, etc... tantas coisas que se desbobinam numa saudade enternecida.

As termas de Caldelas, são uma riqueza, pelas águas verdadeiramente, milagrosas nas doenças intestinais, da pele, do fígado, do baço, na obesidade e anemia palustre...

Situadas numa região cujo clima saudável é adjuvante para a cura e benéficos resultados em tais doenças.

Quantas horas de ventura ali passei embebido num sonho e na paisagem.

Remirando planaltos e outeiros, leiras e campos, hortas e pomares, montados e montanhas, de enfeites variados, acidentes naturais, de

Retomando o fio à meada vai hoje o panorama concelhio ocupar-se da freguesia, que é parte da vila e sede do Concelho de Amares, que, tinha assunto que outras freguesias do Concelho em número de 24 não conseguem, ainda que minuciosamente delas nos ocupassemos. É a sede vestida deste formoso Concelho cheio de gloriosas tradições históricas e políticas que o deixaram pasmado até ao advento do 28 de maio de 1926; o mesmo que aconteceu a quasi todas as parcelas do território intoxicado pelo partidarismo que só elevou as figuras que dessa situação se souberam ou puderam aproveitar. Anexaram-lhe parte da Feira Nova mas foi o plano de urbanização que fez tal exigência e isso não se podia evitar. E se Amares tem pretensões

variados matizes constantemente, lindos e atraentes.

Basta escalar uma encosta... e miradouros para amplos descortinos são a cada passo uma pintura singular e policromia para os olhos deslumbrados.

Em frente a Figueiredo, em pousada de maior beleza e poesia—Monsul das minhas férias, pela magia do retrospecto, à distância e, na saudade, volto-me para o rio Cávado para lhe segredar enlevado:

... O' meu rio da saudade  
Com tanta suavidade  
Vou contigo em pensamento  
Nessa beleza embebido...  
De todo o mal esquecido,  
E, de mim, neste momento.

«Transcrito do jornal a «Voz de Portugal» do Rio de Janeiro».

justas e merecidas não podia deixar de safar essa ampliação. Como tudo e todos aspiramos à grandeza creio que nenhum Amarense ficou desgostoso em ver maior a sua terra e mais próximo do coração dos Feiranovenses que esperam com ansiedade uma confraternização definitiva sem precisar do prestígio das Nações Unidas. Para este grande passo na solução do problema em que devem empenhar-se as pessoas responsáveis muito concorreu um filho deste concelho que não nasceu em Amares embora lhes tenha tanto amor com o qualquer do mais dedicado filho bairrista.

A curva dos Guiames prejudica a beleza de uma avenida de ligação. Não acreditamos no propósito camarário de então porque não era nem é uma só vontade que resolve os destinos do Concelho. E há responsabilidades essas são colectivas.

— É um mal e se era médico o presidente ocasional também o é o sucessor para curar qualquer doença que precise de especialistas... em isenção.

Com esta ampliação da sede nota-se progresso intenso tanto particular como oficial graças ao bairrismo local e ao desejo do Governo em ver as terras da província em condições de não envergonhar a sua Capital. O turismo é muito exigente e a terra em aparência não correspondeu à realidade e porisso o viajante não se pode dilatar mas vai bem impressionado. É digna de nota em acção progressiva para que o nome de Ama-

res não esteja só ligado à laranja e ao vinho verde com fama extra territorial. Luz eléctrica já dos tempos saudosos em que um político estriante mostrou o seu poder de vontade, honestidade, competência e capacidade progressiva; Telefones, Misericórdia, Bombeiros, Casa do Povo, um serviço higiénico de W. C. e apenas falta um falado ou sonhado café no centro do largo dr. Oliveira Salazar para a cafeina dessa rubiácea tornar certos corações mais flexíveis e os espíritos mais atreitos a verdade proclamada nos verbírios religiosos que tanto esfolhamos aos domingos nas Igrejas aonde se encontra sempre o Chefe Invisível disposto a receber todos os filhos pródigos, e indisciplinados.

Os escritórios, armazéns e coisas anexas projectados pelo Grémio da Lavoura a construir nos Guiames encarregar-se-ão de acabar com o vergonhoso lapso dos tais camaristas que, como os representantes de várias nações nas Nações Unidas, dormiam quando lhes foi pedida a sua opinião.

Por hoje nada mais tenho a dizer da terra que me viu nascer e que o saudoso Conde de Ferreira me preparou dentro da sua escola aonde meteu o professor célebre que foi o saudoso mestre José Miguel Martins a quem muitos devem render saudosas homenagens.

Elísio Gonçalves.

Visado pela censura

## PERGAMINHOS DE CASTRO

Por D. S.

Memorial de Montebelo

Valeroso nessa acção  
Quisestes dar a entender  
Quem um só fio ha-de valer  
Mais que o bárbaro cordão.  
Os cabelos sempre são  
Indícios do pensamento;  
Nesse singular intenso  
Lograis eterna memória,  
Pois se alcança a glória  
Onde há merecimento.

«Ao Grande Nuno da Cunha mandando que o sepultassem no Mar».

Ao grande Cunha, General famoso,  
O Mar, onde morreu, o corpo come;  
Porque, como na terra alcança o nome,  
Nas águas ache o timbre generoso.  
O cadáver lançou no cavernoso  
Império de Néptuno, porque tome  
Hércules quando a vida se consome  
O lugar entre os Astros mais glorioso.  
Para que novos louros alcançasse  
Em caso que mistério tanto encerra  
Quis a fama que assim Nuno acabasse,  
Se ao nome lhe faltava já na terra  
Lugar que enchesse, espaço que ilustrasse,  
Só no Mar o seu corpo bem se enterra.

Não é preciso insistir na importância que as pescarias do Cávado tinham para a Casa de Castro, como no interesse e paixão que os fidalgos do velho solar dos Machados sentiam por este desporto. A seguinte poesia melhor o revela.

Senhor Thome de Negreiros  
daqui vos quero dar conta  
do modo que passei  
esta tarde duas horas.

Pelo Cavado me fui  
passeando junto à costa  
para que melhor pudesse  
lograr delle as frescas sombras

Lembrão-nos cá nas Aldeyas  
tão pouco altivas vanglorias,  
que temos por benefício  
achar quem nos faça sombra.

Este Ryo tão vistoso,  
que das árvores que se adorna,  
finge hum cristalino espelho  
de troncos, e verdes folhas.

Do verdor, e mais das agoas  
tão lindo objecto se forma,  
que huma líquida esmeralda  
me pareceo cada onda.

E findando as digressões  
vos quero contar em soma  
o fim com que nós sahimos  
desta casa pela hum' hora.

(CONTINUA)